

TRADUÇÃO E REFRAÇÃO

Translation and refraction

Me. Karine Razzia*

RESUMO

Este artigo é uma versão reduzida e modificada de parte do capítulo quatro da dissertação de mestrado desta pesquisadora, publicada sob o título *A refração na tradução e na retradução dos hinos da Harpa Cristã*¹, e mostra como a refração, fenômeno que provoca o afastamento das traduções de seus originais, afeta tanto os aspectos semânticos quanto os formais dos textos traduzidos. Para tanto, utilizamos o conceito de refração de acordo com Lefevere (2012), e a metodologia de crítica da tradução de Berman (1995) para a seleção dos excertos estudados. Foram observadas, em hinos congregacionais traduzidos no hinário pentecostal Harpa Cristã, alterações sintáticas, mudanças da voz passiva para a ativa, trocas de substantivos concretos por abstratos, omissão de estrofes inteiras e criação de rimas na tradução em posições não rimadas no original, tudo para cumprir demandas de certa patronagem e reafirmar preceitos de uma certa teologia.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução. Refração. Hino Congregacional.

ABSTRACT

This article is a reduced and modified version of part of chapter four of this researcher's master's thesis, which was published under the title *A refração na tradução e na retradução dos hinos da Harpa Cristã*, and shows how refraction, a phenomenon which causes translations to move away from their originals, affects both semantic and formal aspects in translated texts. To this end, we use the concept of refraction according to Lefevere (2012), and the methodology of Berman (1995) for translation criticism, in order to select the studied excerpts. In the translated congregational hymns present in the Pentecostal hymnal known as Harpa Cristã, we observe that syntactical inversions, changes from passive to active voice, replacement of concrete nouns by abstract nouns, omission of entire stanzas and creation of rhymes in the translated text in positions not rhymed in the original, are all to fulfill demands of certain patronage and to assure concepts of a certain theology.

KEYWORDS: Translation. Refraction. Congregational Hymn.

* Docente; Colégio Militar de Curitiba; razziakarine82@gmail.com

¹ Pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação do Prof.º Dr. Walter Carlos Costa. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/71058>.



1. INTRODUÇÃO

A tradução não é uma atividade recente. Ela remonta à Antiguidade e, no mundo atual e globalizado, permeia boa parte das relações humanas, embora nem sempre seja percebida ou creditada. Em um nível amplo, a tradução permite que acordos políticos internacionais sejam firmados, ideologias propagadas, transações comerciais efetuadas, e que o conhecimento científico, a literatura, a arte e o entretenimento sejam universalizados. Isso implica a área da educação, que se beneficia amplamente dos serviços da tradução, no que diz respeito ao acesso e à difusão da cultura e do conhecimento produzido mundialmente. Mesmo nas aulas de idiomas a tradução está sempre presente, em algum nível, ainda que dito o contrário. Há quem advogue a tradução como a quinta habilidade no ensino de línguas (COSTA, 1988) ou, ainda, uma habilidade que permeia todas as outras habilidades (ROMANELLI, 2009), essas conhecidas como *listening*, *speaking*, *writing* e *reading*.

Haja visto, a tradução está presente nas línguas que aprendemos, nos filmes que assistimos, nos livros que lemos, nos artigos que estudamos, nos jogos que jogamos, na poesia que declamamos, nos manuais dos produtos que adquirimos, nas canções que cantamos, sejam elas seculares ou sacras. Neste pacote da universalização da produção cultural e científica, não podemos excluir a tradução da religião e de suas práticas proselitistas, como parte da bagagem cultural de boa parte da população brasileira, inclusive da clientela diretamente ligada ao espaço educacional. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), embora marcada pelo sincretismo religioso e pelas mais variadas correntes religiosas, a maior parte da população brasileira se declara cristã, com o maior grupo sendo o dos católicos, embora em queda, seguido pelos evangélicos, com o seguimento pentecostal em crescimento significativo². Esses dados refletem a mentalidade e o saber de ser de parte da clientela das instituições educacionais, formada por alunos, professores e comunidade escolar, valendo a pena estudar o material cultural que essa população consome e, no caso deste artigo, discutir a prática da tradução do canto congregacional, sob o efeito da refração no recorte evangélico pentecostal.

² Conforme o Censo Demográfico de 2010.



O conceito de refração é emprestado do campo da física e, de acordo com o *Dicionário da Língua Portuguesa Michaelis*, diz respeito ao “desvio que sofre a direção de uma onda (de luz, calor ou som) que se propaga num certo meio ao passar obliquamente para outro meio no qual a velocidade de propagação sofre alteração”³. Lefevere (2012) é quem associa o fenômeno da refração à tradução, para explicar os desvios que afastam as traduções de seus originais. Para muitos críticos da tradução, tais afastamentos são considerados erros, enganos ou falta de perícia do tradutor, mas, para críticos como Lefevere, tais afastamentos são determinantes para adequar os textos aos interesses dos que determinam e manipulam as traduções. Para ele, ao invés de lamentarmos as refrações, vale a pena estudar os espectros que as determinam, já que as refrações são, nos grupos sociais com pouco acesso às obras literárias originais, as únicas formas de eles terem acesso à literatura.

Lefevere (2012, p. 206) aponta que existe um sistema indireto de *patronagem* que regulamenta as traduções e, conseqüentemente, determina as refrações. Essa *patronagem* pode ser exercida por órgãos diversos, desde instituições públicas, privadas, editoras, partidos políticos e, no caso do canto congregacional, a igreja. No recorte dos cantos congregacionais que escolhemos estudar, analisamos a refração sob o espectro da teologia pentecostal clássica, dado que os hinos escolhidos fazem parte da *Harpa Cristã*⁴, o hinário oficial da igreja *Assembleia de Deus*, de teologia pentecostal clássica.

O pentecostalismo tem origem estadunidense e chegou ao Brasil no início do século XX. A *Assembleia de Deus* é uma das igrejas pentecostais pioneiras no Brasil, implantada, em seus primórdios, entre as camadas menos favorecidas da população. O marco inicial dessa denominação cristã no país se dá por volta de 1911, quando da chegada, a Belém do Pará, do missionário sueco Gunnar Vingren, oriundo dos centros de formação de missionários pentecostais nos Estados Unidos. No início do *Movimento Pentecostal* no Brasil, a referida Igreja

3

Disponível

em:

<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=refra%C3%A7%C3%A3o>.

Acesso

em: 3 nov. 2023.

⁴ Utilizamos o exemplar da *Harpa Cristã* (ou *Harpa Sagrada*) impressa em volume único com a BÍBLIA SAGRADA – HARPA SAGRADA: Almeida Revista e Corrigida, traduzida por João Ferreira de Almeida, 4ª edição, de 2009.

não tinha um hinário próprio, de modo que se cantavam os hinos formais protestantes das igrejas históricas, precursoras evangélicas das pentecostais. No entanto, conforme demonstram os paratextos da edição comemorativa da *Harpa Cristã* (2011), os assembleianos sentiram a necessidade de formalizar um hinário pentecostal próprio, com hinos que incluíssem o que chamavam de *verdades pentecostais*, premissas caras à sua teologia. Para tanto, convocaram compositores e tradutores pentecostais, de forma que os hinos correspondessem à cosmovisão pentecostal, resultando no hinário conhecido hoje como *Harpa Cristã*.

A teologia pentecostal clássica caracteriza-se por premissas como a crença na salvação pela pessoa de Jesus Cristo (o Filho), por meio do sacrifício na cruz como ato planejado e da vontade de Deus (o Pai)⁵, o batismo com o Espírito Santo, os dons como o de profecias, o de cura e o de interpretação de línguas (associado à glossolalia), a expulsão de demônios, a segunda vinda de Cristo, a ressurreição dos mortos, o arrebatamento, a proibição de imagens de esculturas ou reverência a quaisquer objetos e a posição dos hinos e louvores espirituais como ferramenta de evangelização. Para Gilberto (2006), um dos principais teólogos pentecostais clássicos, tais hinos devem apresentar cunho ortodoxamente bíblico, caso contrário, não passam de peça musical de caráter lírico, poético ou artístico, sem valor devocional.

A refração pode afetar tanto o sentido como a forma de um texto, afastando-o de seu original, com o objetivo de cumprir demandas de algum sistema de *patronagem*. No caso da hinologia congregacional, refratada pelo espectro da teologia pentecostal a mando dos conselhos religiosos pentecostais, demonstramos, a seguir e em dois momentos distintos, como a refração é usada para resolver impasses teológicos. O primeiro, no nível semântico, em *A mensagem da cruz*, e o segundo, no nível formal, em *Porque ele vive*, hinos de número 291 e 545, respectivamente, da *Harpa Cristã*⁶. Os originais em língua

⁵ Os pentecostais, assim como a teologia cristã clássica, tanto protestante quanto católica, acreditam nas três pessoas da Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

⁶ Uma análise mais detalhada desses hinos foi feita no capítulo 4 da dissertação de mestrado desta pesquisadora, abrangendo aspectos como o sentido, a rima, o ritmo, a cantabilidade e a naturalidade. Disponível em:

https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/71058/3/2023_dis_krazzia.pdf. Acesso em: 3 nov. 2023.

inglesa, com os quais contrastamos os hinos traduzidos na *Harpa Cristã*, e as informações de cunho histórico sobre autores e tradutores são oriundas de *A história dos hinos que amamos*⁷ e dos sites *Hinologia.org* e *Hymnary.org*. Este último é um banco de dados de hinos e hinários evangélicos dos Estados Unidos, criado e mantido pelo *Calvin Institute of Christian Worship* e o *Calvin College's Christian Classics Ethereal Library*.

2. METODOLOGIA

Para a escolha dos excertos que analisamos adiante, seguimos o que indica Berman (1995) para a pré-análise da tradução: por meio da leitura e da releitura dos textos (primeiro o da tradução e depois o do original), identificamos as “zonas textuais problemáticas”, nas quais entendemos ocorrer afastamentos da tradução de seu original, decorrentes de refração. Por questões pertinentes ao formato deste texto, não disponibilizamos os hinos na íntegra, apenas os trechos que consideramos “zonas textuais problemáticas”. Por fim, demonstramos e explicamos, na análise e nos resultados, os porquês de tais afastamentos levando em conta o conceito de refração (LEFEVERE, 2012), à luz do espectro da teologia pentecostal clássica (GILBERTO, 2006), considerando as peculiaridades da tradução da letra de canção (LOW, 2005).

3. ANÁLISE E RESULTADOS

3.1. Refração no nível semântico

O hino *A mensagem da cruz*, de número 291 na *Harpa Cristã*, foi traduzido por Antônio Almeida (1879-1969) e tem como seu original *The old rugged cross*, de autoria do evangelista metodista estadunidense George Bennard (1873-1958), e é um dos hinos cristãos mais populares do século passado. O hino contém quatro estrofes e um refrão e retrata a crucificação e a morte de Jesus. De modo geral, o hino demonstra a devoção que o eu poético tem pela cruz de Cristo. Tal nível de afeição para com o símbolo universal do cristianismo é objeto

⁷ Do pastor e jornalista Silas Daniel, volume de 2012, 8ª impressão em 2020.



de controvérsias, que acusam o autor de deixar a figura de Cristo em segundo lugar. O empasse teológico é resolvido pela tradução, como demonstramos a seguir nos excertos selecionados:

Quadro 1 – Estrofe 1: versos 2 e 3

Original	Tradução
<i>The old rugged cross</i>	<i>A mensagem da cruz</i>
2 And I love that old cross where the dearest and best	2 Mas contemplo essa cruz porque nela Jesus
3 For a world of lost sinners was slain.	3 Deu a vida por mim, pecador.

Fonte: a autora (2024).

A começar pelo título, *The old rugged cross* materializa e caracteriza o substantivo concreto objeto da devoção do eu poético. A tradução opta pelo abstrato, em que *A mensagem da cruz* é a palavra do evangelho: o sacrifício representado pelo ato da crucificação que, por sua vez, conduz à salvação do pecador. Toda a adjetivação da cruz, no original, se perde, pois, na tradução do título, a visualização do objeto não é importante, mas a mensagem que o transcende.

Outro aspecto relevante para a teologia pentecostal é o fato de que a crucificação e a morte de Jesus são atos planejados por Deus para a salvação dos pecadores, e que Jesus escolheu fazer parte desse plano, sem ser vítima de algum acidente de percurso. Para afirmar essa premissa, o tradutor pentecostal altera, no verso 3 da estrofe 1, a voz passiva do original para a voz ativa na tradução (*was slain/Deu a vida*). O tradutor também posiciona *Deu a vida*, em voz ativa, no início do verso, enquanto no original a voz passiva encontra-se no fim do verso. Embora de ordem sintática, tais alterações resultam em mudança semântica, um deslocamento em que Jesus deixa de sofrer a ação como vítima (e objeto da passiva) e se coloca na posição de sujeito da ativa, denotando a escolha e a responsabilidade de seus atos. Além disso, no verso 2, o tradutor retira adjetivação *the dearest and best* e explicita o nome Jesus, sobre quem essa teologia se apoia.

No verso 2 da primeira estrofe, fica explícito, no original, o amor pela cruz. A tradução opta por substituir *I love* (eu amo) por *contemplo*, elevando o registro



à mística da contemplação, um meditar que vai além do objeto concreto, atingindo o invisível. O mesmo acontece no primeiro verso do refrão (verso 5 do hino), que desloca a devoção e o amor pelo objeto *cruz* para o abstrato *mensagem*:

Quadro 2 – Refrão: verso 5

Original	Tradução
<i>The old rugged cross</i>	<i>A mensagem da cruz</i>
5 So I'll cherish the old rugged cross,	5 Sim, eu amo a mensagem da CRUZ,

Fonte: a autora (2024).

Tais escolhas resolvem o impasse da devoção pelo objeto, considerada pelos pentecostais como pecado de idolatria, e desviam o sentido do concreto para o abstrato, dado que o divino é espírito impalpável. Em todos esses casos, é nítida a ação da refração no campo semântico, pelo espectro pentecostal, a fim de afirmar os preceitos de uma certa teologia.

3.2. Refração no nível formal

Os hinos congregacionais fazem parte do gênero textual canção e são formas textuais híbridas, compostas pelas partes escrita e musical. Enquanto textos poéticos musicalizados, apresentam intersecção com o poema, sendo comumente divididos em estrofes compostas por versos, que podem ou não ser rimados, e um ou mais refrões, que são, por sua vez, estrofes que contêm o núcleo semântico da canção e são repetidos a fim de se tornarem memoráveis. A refração, pois, pode afetar a forma de um texto traduzido, fazendo, no caso da canção, com que versos inteiros sejam omitidos ou acrescentados, caso a *patronagem* ache melhor suprimir um trecho considerado inadequado ou acrescentar alguma informação oportuna. É o que percebemos em *Porque ele vive*, hino de número 545 da *Harpa Cristã*.

Porque ele vive é uma tradução de *Because he lives*. A *Harpa Cristã* contém uma lista de autores e tradutores, no entanto, não há registros do tradutor desse hino. O *Centro de Estudos do Movimento Pentecostal*, responsável pelo acervo da *Casa Publicadora das Assembleias de Deus*, que mantém todas as

edições da *Harpa Cristã* e toda a documentação histórica referente à produção impressa assembleiana, também não tem registros dessa tradução⁸, tampouco os bancos de dados pesquisados⁹. Logo, consideramos *Porque ele vive* de tradução desconhecida.

Because he lives, por sua vez, é de autoria de Gloria e William J. Gaither, um casal de professores estadunidenses. O hino tem como tema central a ressurreição, e se apoia no versículo da *Bíblia* “[...] porque eu vivo, e vós vivereis” (*João* 14:19), demonstrando a esperança do crente em Cristo para enfrentar os dias difíceis. Escrito no original com três estrofes e um refrão, a primeira e a terceira estrofes apresentam conteúdo bíblico, com a primeira estrofe mencionando a vinda de Cristo ao mundo para morrer pelos pecadores, e a terceira narrando a vitória sobre a morte, na vida eterna com Cristo. A segunda estrofe, no entanto, narra uma experiência pessoal do casal Gaither: a chegada do terceiro filho deles, em meio a um mundo considerado por eles turbulento.

Como visto, de acordo com a teologia pentecostal clássica, os hinos congregacionais devem se ater ao conteúdo ortodoxamente bíblico, caso contrário, não podem ser considerados devocionais ou evangelísticos. A segunda estrofe de *Because he lives*, ao narrar uma experiência de cunho pessoal dos autores, na tradução, sofre a ação da refração sob o espectro da teologia pentecostal, de modo que toda a estrofe é omitida. Tal omissão não se justifica pelo princípio da intraduzibilidade, já que é possível traduzi-la com alguma facilidade, nem se justifica pela necessidade de encurtar um hino muito longo, pois o original é composto por apenas três estrofes e, na *Harpa Cristã*, é possível encontrar hinos com cinco ou mais estrofes. Trata-se, sem dúvida, da ação deliberada da refração sobre a forma de um texto. Vejamos a estrofe omitida:

Quadro 3 – Because he lives

How sweet to hold a newborn baby
And feel the pride and joy he gives;

⁸ Informação disponibilizada por e-mail.

⁹ Há uma tradução de *Because he lives*, para o português, de James Frederick Spann e Jaubas Freitas de Alencar no *Hinário Cantor Cristão*, um hinário batista precursor à *Harpa Cristã*. Porém, não há evidências suficientes para afirmarmos que são os mesmos tradutores.

But greater still the calm assurance:
This child can face uncertain days
because He lives.

Fonte: a autora (2024).

Vejamos, também, uma possível tradução cantável, de nossa autoria, da estrofe omitida:

Quadro 4 – Porque ele vive

Quão doce é, segurar nos braços
Com amor e orgulho, um recém
nascido
Ainda melhor, é a garantia:
Que esta criança está segura pois
Ele é vivo.

Fonte: a autora (2024).

A tradução da estrofe omitida apresenta acréscimos (*nos braços/amor...*), perdas (*baby/joy/calm...*) e mudanças semânticas (*but greater still* por *ainda melhor/can face uncertain days* por *está segura...*) típicas das dificuldades tradutórias, no entanto, não foi refratada para acomodar certa teologia. Muito do que consideramos perdas se dá pelo fato de que as palavras em português são, comumente, mais longas do que as palavras em inglês, e todas as sílabas do português possuem obrigatoriamente uma vogal, quando não semivogais formando ditongos e tritongos. A tradução da letra de canção possui os agravantes do ritmo e da métrica e, para ser cantável, é desejável que a tradução mantenha o mesmo número de sílabas do original e o mesmo padrão de acentos, ou seja, evitando que sílabas não acentuadas caiam, na tradução, em posições acentuadas no hino fonte, principalmente se coincidirem com o tempo forte do compasso, o que infringe o princípio da cantabilidade (LOW, 2005), distorcendo a pronúncia das palavras.

Essa sugestão de tradução foi incluída apenas para demonstrar que, apesar das dificuldades tradutórias, a estrofe omitida é possível de ser traduzida e cantada (com alguns ajustes), preservando boa parte do sentido e a estrutura da estrofe original.

Um outro aspecto formal a se considerar e que pode ser afetado pela refração é a presença de rimas. A rima tem como uma das suas funções a de, pela semelhança sonora, tornar a canção mais memorável, ou seja, mais fácil de ser lembrada e repetida. Num contexto em que as camadas menos privilegiadas da população não tinham acesso pleno à leitura, tornando difícil a evangelização pelos textos religiosos, a oralidade era uma ferramenta importante na difusão de conceitos teológicos. Os hinos congregacionais tornam-se instrumentos proselitistas eficientes, pois podem ser memorizados e repetidos ao ponto da cristalização. A rima não é mandatória e nem mais tão esperada na poesia contemporânea mundial, no entanto, de acordo com Peter Low¹⁰, um dos mais importantes teóricos contemporâneos da tradução da letra de canção, ainda existe uma expectativa pela rima no português brasileiro (MELLER; COSTA, 2020). Os tradutores pentecostais utilizam esse artifício para tornar os hinos congregacionais mais memoráveis e criam rimas, nas traduções, em posições não rimadas no original. Seguem exemplos na primeira estrofe de *Porque ele vive*, contrastada com seu original:

Quadro 5 – Estrofe 1: versos 1 a 4

Original <i>Because he lives</i>	Tradução <i>Porque ele vive</i>
1 God sent His son, they called Him Jesus, 2 He came to love, heal and forgive; 3 He lived and died to buy my pardon, 4 An empty grave is there to prove my Savior lives.	1 Deus enviou seu filho amado 2 Pra perdoar, pra me salvar. 3 Na cruz morreu por meus pecados 4 Mas ressurgiu e vivo com o pai está.

Fonte: a autora (2024).

Because he lives apresenta rimas finais apenas no segundo e no quarto versos¹¹ (*forgive/lives*), sem nenhuma ocorrência de rima interna. Já a tradução rima todos os versos, sendo o primeiro verso com o terceiro e o segundo com o quarto (*amado/pecados* e *salvar/está*)¹². O segundo verso apresenta, ainda, uma rima interna (*perdoar/salvar*), o que confirma a insistência em se criar muito mais

¹⁰ Em entrevista concedida a Meller e Costa (2020).

¹¹ Esquema *xaxa* de rimas, em que *x* representa versos não rimados e *a* representa rima.

¹² Esquema de rimas *abab*.

rimas na tradução do que as existentes no original, condizentes com o objetivo da memorabilidade proselitista. Esses não são os únicos casos de criação de rimas em *Porque ele vive*, mas são suficientes para demonstrar a ação da refração nos aspectos formais do texto traduzido nesse caso, alterando o padrão de rimas.

4. CONCLUSÃO

A refração, bem ao contrário de se caracterizar como erro ou falta de perícia do tradutor, é uma ferramenta poderosa que, segundo Lefevere (2012), promove afastamentos intencionais da tradução de seu original para adequá-la às demandas de certa *patronagem*, valendo a pena estudar os espectros que refratam as traduções ao invés de lamentar os afastamentos. No caso dos hinos traduzidos da *Harpa Cristã*, observamos como o espectro da teologia pentecostal promove desvios na tradução, afetando elementos de ordem semântica e formal. Foram observadas alterações sintáticas, mudanças da voz passiva para a ativa, trocas de substantivos concretos por abstratos, omissão de estrofes inteiras e criação de rimas na tradução em posições não rimadas no original, tudo com o objetivo de solucionar impasses teológicos, enfatizar premissas, eliminar trechos tangentes à teologia, garantir a memorabilidade do hino congregacional e a consequente cristalização de preceitos teológicos.

Há, sim, nos hinos analisados, outras omissões, acréscimos, compensações, alterações semânticas e sintáticas decorrentes das dificuldades típicas da atividade tradutória, que não nos cabem analisar aqui. Observamos, apenas, os excertos em que era nítida a ação da refração, levando em conta o aconselhado por Berman (1995) para a escolha dos trechos considerados “zonas textuais problemáticas”.

Não nos resta dúvida de que a refração é um mecanismo eficiente na manipulação da tradução, garantindo que aquilo que o público consome enquanto tradução atenda aos objetivos dos órgãos que regulamentam e encomendam as traduções. É importante ter ciência que a refração é uma constante nas traduções, e que todo material cultural e científico consumido pela clientela escolar é, em algum nível, refratado por certa *patronagem*, seja ela

órgãos educacionais reguladores ou religiosos. No caso da cristalização da teologia pentecostal por meio da hinologia congregacional, a *patronagem* pode dar-se por satisfeita.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, A. **Pour une critique des traductions: John Donne**. Paris: Gallimard, 1995.

BÍBLIA SAGRADA – HARPA SAGRADA: Almeida. Trad. João Ferreira de Almeida. 4. ed. rev. cor. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

COSTA, W. C. Tradução e ensino de línguas. In: BOHN, I.H.; VANDRESEN. **Tópicos de Língua Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.

GILBERTO, A. **Verdades Pentecostais**. CPAD: Rio de Janeiro, 2006.

HINOLOGIA CRISTÃ. [20--]. Disponível em: <https://www.hinologia.org/>. Acesso em: 3 nov. 2023.

HYMNARY.ORG. [20--]. Disponível em: <https://hymnary.org/>. Acesso em: 3 nov. 2023.

LEFEVERE, A. Mother Courage's Cucumber: Text, System and Refraction in a Theory of Literature. In: VENUTI, L. **The Translation Studies Reader**. 3. ed. New York & London: Routledge, 2012. p. 203-219.

LOW, P. The pentathlon approach to translating songs. In: GORLÉE, Dinda L. **Song and significance: virtues and vices of vocal translation**. Amsterdã/Nova York: Rodopi, 2005. p. 185-212.

MELLER, L.; COSTA, D. P. P. da. Interview with Peter Low. Entrevista concedida a Lauro Meller e Daniel Padilha Pacheco da Costa. **Tradução em Revista**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 298-313, 2020.

ROMANELLI, S. O uso da tradução no ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, Brasília, DF, v. 8, n.2, p. 200-219, 2009.

